

GAZETA DO POVO

* HIDRELÉTRICAS

Sobreoferta de energia dá tempo para o governo buscar alternativa a Tapajós

Para especialistas, gás natural e geração eólica e solar devem ganhar maior peso na matriz energética

Cintia Junges

■ A negativa do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) em conceder a licença ambiental da hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, no Pará, enterrou, pelo menos por ora, o projeto de tirar do papel mais uma megausina na Amazônia. Com uma sobreoferta considerável de energia no sistema, o governo ganhou tempo para repensar Tapajós e buscar alternativas para suprir a demanda futura de energia.

Oleilão da usina estava nos planos do governo 2016 e, depois, 2018. Junto com Belo Monte, que tem 11,2 mil megawatts (MW) de potência, a hidrelétrica de 8.040 MW respondia por 68% da expansão hidrelétrica prevista para a entrada em operação até 2024, segundo planejamento dece-



Fábio Nascimento/Greenpeace

Usina no Tapajós alagaria terras e aldeias indígenas Munduruku.

nal da Empresa de Pesquisa Energética (EPE).

Se uma usina programada não é feita, outros empreendimentos com a mesma capacidade precisam substituí-la. Para especialistas, a energia que vamos consumir nos próximos anos virá de um mix de fontes que terá o gás natural e as alternativas (eólica e solar) como grandes protagonistas. "A geração termelétrica a gás natural será indispensável para firmar a energia intermitente", ava-

lia Cláudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil. Além de dar segurança ao sistema, com energia despachável, as térmicas próximas dos centros de consumo demandariam menos linhas de transmissão, um grande gargalo do sistema hoje.

Pelo lado da oferta, a saída da Petrobras do mercado de gás natural no país — marcada pela venda de ativos da estatal na área de transporte e distribuição de gás — deve inaugurar uma nova fase para esse

FATIA MENOR

Com um ritmo de crescimento inferior ao das demais fontes, a fonte hidráulica vem perdendo participação na matriz. Atualmente, os 90 GW de energia hidráulica representam 61% da capacidade instalada total do país. Para especialistas, a maior parte do potencial hidráulico ainda existente está na Amazônia, em terras indígenas e unidades de conservação ambiental, com complexas restrições socioambientais, o que exige diversificação da matriz o quanto antes.

setor no país, mais competitiva. A empresa liderou a estruturação desse mercado no país, mas acabou se tornando uma barreira à competição. "Com a Petrobras saindo do jogo, o mercado brasileiro de gás natural tende a deslançar", afirma Erik Eduardo Rego, analista da consultoria Excelência Energética.

A expansão das fontes alternativas, por outro lado, é um caminho sem volta. Eólica e solar devem, cada vez mais, ganhar espaço na matriz.

FUTURO

Usina no Tapajós não é carta fora do baralho

■ O projeto da usina de Tapajós divide especialistas. Cláudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, faz parte do grupo dos que defendem a hidrelétrica. "O Brasil tem ainda 100 mil MW de potencial hidrelétrico, mais de 80 mil MW só na Amazônia. Não conheço um país no mundo que abrisse mão desse potencial", afirma. Para o professor Nivalde de Castro, coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da UFRJ, a decisão do Ibama é apenas administrativa. "O órgão rejeitou a qualidade do estudo de impacto ambiental da usina. Nada impede que novos estudos mais consistentes sejam apresentados", diz. Erik Eduardo Rego, da Consultoria Excelência Energética, tem outra visão. "Grandes projetos ficarão cada vez mais raros. São grandes apostas que concentram muito risco na expansão do parque gerador, como Tapajós. Se não tivéssemos um cenário de sobreabundância de energia, a incerteza do projeto seria um grande problema", diz.